

## GRUPO “QUEM CONTA UM CONTO-CONTADORES DE HISTÓRIAS”

Ana Lúcia Liberato Tettamanzy; Bianca Rodrigues Balbi; Jéssica Araldi; Luciene Rivoire; Michele Kuntze Amorim; Sofia Robin Ávila da Silva

A partir do trabalho que tem se desenvolvido ao longo deste ano no *Grupo Quem Conta um Conto*, apresentamos no **XVII Salão de Extensão** um vídeo abordando a experiência de tornar-se contador ao contar e ouvir as histórias. Através do convívio entre as integrantes do grupo, dialogamos em conjunto sobre a percepção do ato de contar histórias que se deu, para as novas contadoras, inicialmente, através da observação e da reflexão sobre as práticas já realizadas. Para além das teorias sobre o ofício do contador, para aprender a contar foi preciso também ter a experiência, renovada a cada execução, do que se estabelece no aqui e agora sensível das performances. A possibilidade de experimentar uma temporalidade transformadora na presença de outros e em espaços públicos tem sido uma contribuição importante na formação acadêmica das envolvidas. Nos percebemos como mediadoras entre o saber formal e o que permanece não institucionalizado: não somos nem o narrador da tradição oral, que compartilha a ancestralidade e projetos de futuro em comum com o seu grupo, nem o contador profissional, que domina técnicas para sua performance. Nossas intervenções não se constituem de espetáculo, mas de encontro. Nesse sentido, criamos espaços de contação de histórias para um mundo que estamos construindo no presente – uma vez que, ao ouvir/contar histórias, saímos do ritmo acelerado do cotidiano para entrar no ritmo da narrativa e da fabulação, que não pode ir mais rápido do que o tempo da fala e da escuta. Traduzimos com o nosso corpo, nas improvisações, narrativas portadoras de signos culturais, estéticas e visões de mundo que ensinam a importância de transitar entre esses signos e contextos, ressaltando e valorizando as diferenças. Isso só acontece porque temos uma relação sensória e afetiva, para além de intelectual, com as histórias, o que permite novas relações de sentido com distintos públicos, corpos e espacialidades. Nesses casos, experimentamos a interculturalidade ao perceber o mesmo no espelho do outro, acreditando que existe nesse estar junto uma afetação mútua.